

MV, CP 1449, 01415 S.Paulo.

Meu caro Milton, de volta de viagem alemã, (Hamburgo, Hannover, Bielefeld), encontro tua carta de 27/10 com o teu artigo sobre computadores anexo. Foi um choque salutar, (embora não totalmente inesperado), e falarei primeiro no aspecto salutar da coisa: você tinha notado em S.Paulo o quanto a adulação sem crítica dos meus escritos, ligada a uma crítica negativa sem ponderação, e para mim perigosa. Fiquei-te grato quando durante a mesa redonda você pôs tua mão sobre meu joelho e disse ironicamente que não irias elogiar-me. Tua atitude "internamente crítica" perante as minhas coisas foi para mim sustento. Pois na Alemanha a coisa foi ainda mais marcada. Fui convidado pela universidade de Hamburgo para evento em torno do meu livro "Filosofia da fotografia". Na sala principal da faculdade das artes foi instalada mesa redonda com alguns dos mais representativos pensadores e diretores de museus da Alemanha. Fui saudado pela "senadora responsável pela cultura", e festejado. Na discussão fui duramente atacado de dois lados: (1) por ser "maniqueísta" ao considerar os aparelhos um puro mal, e a liberdade humana um puro bem, e (2) por ser antidemocrático ao desprezar como Kitsch a criatividade das massas. Outros oradores me consideraram um "segundo Nietzsche", e parte do meu livro foi projetada contra tela para que "trechos decisivos" sejam publicamente discutidos. Imagine o impossível: por ter ficado boqui-aberto, caí-me. Em Bielefeld falei para os professores e alunos da Faculdade das Humanidades, (Geisteswissenschaften), sobre "crítica e explicação", e o decano da faculdade, G. Jaeger, declarou que minha intervenção tinha sido o evento mais marcante dos últimos dez anos. Fui eleito para o Instituto Alemão das Pesquisas Interdisciplinares de Hannover, recebido pelo prof. Kaempfer, (estudos de física nuclear, no ciclotron de Hamburgo), e pelo prof. Bischoff, (diretor do museu nacional alemão de Kiel), e proposto para o prêmio Goethe, (o mais alto prêmio da Alemanha). Não continuarei: fiquei cheio de mim mesmo, e ao mesmo tempo comecei a sentir nojo desse meu estar cheio. Tua carta, com tua crítica impiedosa do meu estar-no-mundo, me sacudiu no momento certo. Eis para mim o que você representa na minha vida: a voz que me chama a olhar-me no espelho, (que é tua cara).

O que você diz na tua carta sobre o "teu país", (para marcar claramente que não é o meu), é inteiramente injustificado, mas pouco importa. Minha carta de 18/1 sobre o poder da abstração como caminho rumo ao eterno era brincadeira, e pensei que você riria ao lê-la, como eu ri ao escrevê-la. E quanto a minha resposta ao Wello Kujawski, nada contém de agressivo, mas visa evocar o essencial dos anos 50, coisa que Kujawski nem sequer tinha mencionado. Meu "problema" quanto ao Brasil não se manifesta nem na carta nem no artigo, mas você lê o teu próprio problema entre as linhas, (como você entendeu "Brasil" na Poli, quanto eu tinha dito "nazismo"). Teu problema, (que também é o meu, embora menos sofrido), é simples: sociedade tão eminentemente humana em situação tão dramaticamente perigosa. Mas o fato de você ter lido entre as minhas linhas o que eu não pretendi escrever pouco importa. O importante é que você leu certo em nível diferente. Defato: nossa mente funciona de forma irritante para ambos. Por exemplo: quando você fala em "valor de um país", (quando você personifica coisas como são países), fico irritado. Ou fico puto de vida quando você se identifica com situações objetivas, (você que é para mim o sujeito mais sujeitiforme), ao ponto de ofender-se com saúvas e secas. Imagino que

muita coisa que digo e escrevo te irrita da mesma forma. Meu caro amigo: devemos viver com tal irritacao mutua, abrir-nos a ela, se quisermos aproveitar do dom do destino que nos aproximou um do outro. Nada entre nos de "cuor gentile", mas, pelo contrario, "polemos pater panton". Porque as "farpas" que voce sente em mim e eu em ti nao sao flechas venenosas, mas sim tentaculos que buscam o outro.

Estou de acordo: eliminemos, por algum tempo, o tema "Brasil", ja que e tema que doi, e diante do qual concordamos mais que voce quer admitir. Tem tanta outra coisa que exige ser dialogada antes que o eterno nos engola. Tem dois ou tres assuntos que atualmente me atravessam a garganta, ("le vivant et l'artificiel", "scientific revolutions", e "o aleatorio na criatividade"), e imagino que voce tambem nao estas com carencia de assuntos vitais que nos barram o caminho. Mas fica para outra carta. Nesta queria ainda falar de outra coisa:

Fui de Hamburgo para Bielefeld e Hannover de automovel. Passei pela grande planicie pantanosa, (Luene-burger Heide), e inclinei-me diante dos tumulos de 200.000 martires no campo de concentracao de Belsen-Bergen. Visitei o mosteiro de Carlos Magno em Celle, o mosteiro de Otto o Alemao, (970) em Hildesheim, e a igreja de S. Andreas, (1250), tambem em Hildesheim. Foi me dado, pela primeira vez, viver na carne a contradicao do ser-alemao: a impossibilidade de absorver-se o cristianismo, o que deu de um lado em misticismo exacerbado, (Meister Eckehart), e do outro em Hitler. Nao consegui, em meus contactos as vezes intimos com os alemaes, (todos eles mais jovens que 60 anos), esquecer, mas tao pouco consegui compreender o fato de serem os alemaes atualmente o povo menos preconcebido do mundo. Foi experiencia que levarei muito tempo a integrar emocionalmente. A rapaziada nas universidades e de extrema "cordialidade", gentil sem ser servil e, a despeito disto, sinto o complexo de inferioridade, (com relacao ao Ocidente sensu stricto) que sempre tem caracterizado a germanidade. Se a rapaziada em S.Paulo provoca em mim simpatia espontanea, a na Alemanha me causa ambiguidade. Por certo: "culpa" minha.

Escreva mais sobre tua propria experiencia em Quito. Voce fala em cidade "bela e interessante". Sera a sintese entre espanhois e indios, ou sera a marginalidade, (o Ocidente exposto ao Pacifico)? A vida de Sto. Agostinho transplantada da Tunisia para os Andes? Minha ignorancia da indianidade, e sobretudo da andina, tal indianidade da psicofarmacopeia, (Coca, cogumelos), faz com que nao consiga formar visao do Pacifico em geral, embora saiba ser o Pacifico o lago do futuro. Ai de mim, mergulho sempre mais na minha mediterraneidade, (no meu provincialismo).

Teu artigo sobre "computador", (com a referencia a "Pos-historia"), e resumido demais para permitir ser comentado. Ovi dizer que voce escreveu critica "ambigua" do meu livro. Sera isto, ou outra coisa? No segundo caso, por favor mande recorte. Em todo caso: o problema "acaso-necessidade", que voce passa por cima, merece outro artigo teu.

O outono final e belo demais para eu cair em sentimentalidade. Por isto confio que desta vez voce lera entre as linhas o que defato pretendo. Um abraço para voce e os teus.